

REDE DE MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIAS E CULTURA DA UFMG:

TRAJETÓRIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

MARCUS MARCIANO GONÇALVES DA SILVEIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL

Mestre e doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Assessor Educacional da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG.

E-mail: marcusmgsilveira@gmail.com

LETÍCIA JULIÃO, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL

Mestre em Ciência Política e doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais, atuando no curso de graduação de Museologia/Escola de Ciência da Informação e nos programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, Promestre/UFMG e Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG.

E-mail: juliao.leticia@gmail.com

DOI:

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i32p36-55>

RECEBIDO

30/07/2020

APROVADO

20/12/2021

REDE DE MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIAS E CULTURA DA UFMG: TRAJETÓRIA, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

MARCUS MARCIANO GONÇALVES DA SILVEIRA, LETÍCIA JULIÃO

RESUMO

Criada em 2001, a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais é formada pela adesão voluntária de espaços, que se mantêm autônomos, mas articulados para construir políticas e projetos comuns na convergência do ensino, pesquisa e extensão com a salvaguarda e comunicação de acervos. Nos últimos cinco anos, sua agenda tem se concentrado no aprimoramento do seu próprio desenho institucional, na produção de informação a respeito do patrimônio universitário como ferramenta para o planejamento e no desenvolvimento de projetos em rede. A pactuação de ações para a gestão do patrimônio científico-cultural impõe o enfrentamento de diversos desafios. Entre eles, ressalta-se a diversidade dos espaços integrantes da Rede, no que concerne ao perfil institucional, grau de autonomia, recursos humanos e financeiros e estrutura física. Além disso, a necessidade de lidar com uma cultura ainda marcada pelos padrões de especiação e criação de “nichos” próprios do desenvolvimento científico e do ambiente universitário, conforme destacado por Thomas Kuhn. A consolidação de ações em rede exige construir um difícil equilíbrio, no qual se supera hierarquias e competitividades em favor da reciprocidade autônoma e espontânea das articulações rizomáticas, na busca de objetivos comuns e do compartilhamento de recursos e experiências.

PALAVRAS-CHAVE

Redes de museus, Patrimônio universitário, Acervo museológico, Museus universitários.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS NETWORK OF MUSEUMS AND SCIENCE AND CULTURE SPACES: TRAJECTORY, CHALLENGES AND PERSPECTIVES

MARCUS MARCIANO GONÇALVES DA SILVEIRA, LETÍCIA JULIÃO

ABSTRACT

Created in 2001, the Universidade Federal de Minas Gerais Network of Museums and Science and Culture Spaces is formed by the voluntary adhesion of spaces, which remain autonomous, but articulated to build common policies and projects in the convergence of education, research and extension with the safeguarding and communication between collections. Over the last five years, the Network's agenda has focused on improving its own institutional design, producing information about the university heritage as a tool for planning and developing network projects. The agreement of actions for the management of the scientific and cultural heritage imposes the confrontation of several challenges, including the diversity of the spaces that compose the Network, when considering the institutional profile, degree of autonomy, human and financial resources and physical structure. Moreover, the need to deal with a culture still marked by the standards of speciation and creation of "niches" proper to scientific development and the university environment, as highlighted by Thomas Kuhn. The consolidation of network actions requires building a difficult balance, in which hierarchies and competitions are overcome in favor of autonomous and spontaneous reciprocity of rhizomatic articulations, in the search for common objectives and the sharing of resources and experiences.

KEYWORDS

Museum networks, University heritage, Museum collection, University museums.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vem acumulando, ao longo de mais de 90 anos de existência, importantes testemunhos materiais da cultura universitária. Seu patrimônio científico e cultural abrange os mais diversos campos do conhecimento e conforma acervos que são referentes de suas atividades de ensino, produção e divulgação do conhecimento. Das coleções de estudo e pesquisa às coleções de ensino ou que testemunham os percursos pedagógicos, dos arquivos institucionais aos arquivos pessoais, das coleções de arte aos acervos tecnológicos, tal patrimônio formou-se por meio de doações, mas, sobretudo, como resultado de atividades que são próprias da Universidade.

Criada em 2001, no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão, a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG - é resultado de um esforço de articulação de diversas iniciativas, até então isoladas, de salvaguarda, pesquisa e comunicação desse patrimônio científico e cultural. Atualmente, conta com 25 espaços, compreendendo museus, centros de memória, centros de pesquisa, de documentação e de referência, coleções científicas e artísticas e uma unidade de conservação natural.

Embora tenha sido iniciativa precursora no âmbito das universidades brasileiras, compreende-se que o surgimento da Rede de Museus, há 20 anos, insere-se em contexto no qual esse tipo de articulação entre

os museus proliferava no mundo como uma resposta à intensificação do processo de globalização, que desde os últimos anos do século XX, como mostra Café (2012), tem reorganizado os instrumentos e estruturas institucionais em teias de interações tanto no plano mundial, quanto local. Como argumenta o autor, a natureza de uma governança horizontal de inclusão e participação desses organismos revelou-se uma alternativa de fortalecimento da capacidade de comunicação, conexão, corresponsabilização e alinhamentos entre diferentes atores envolvidos, de modo a criar novas culturas e novas identidades.

A articulação dos 25 espaços por meio de ações em rede para a gestão do patrimônio científico-cultural implica em uma pactuação que se constrói permanentemente. Concretamente, alguns desafios se impõem, como estabelecer relações equilibradas, de reciprocidade, entre atores que apresentam características e perfis institucionais muito distintos, e superar uma cultura, própria do ambiente científico e universitário, marcada pelos padrões de especiação e criação de “nichos”, conforme destacado por Thomas Kuhn (2006).

Um dos principais desafios da Rede de Museus tem sido constituir um horizonte de interesses convergentes, capaz de estabelecer conexões e instituir uma agenda comum, preservando a autonomia e particularidades de cada espaço membro. Neste cenário, o artigo desenvolve uma reflexão crítica da trajetória da Rede de Museus. Busca compartilhar experiências que têm favorecido os processos de repactuação e redefinição de identidades em rede. E aponta perspectivas que, somadas a iniciativas congêneres existentes em outras instituições universitárias, poderão contribuir para o aprimoramento das políticas referentes ao seu patrimônio e, por extensão, da própria divulgação do conhecimento produzido pela universidade.

2 MUSEUS E ACERVOS UNIVERSITÁRIOS EM REDE: O DESAFIO DO EQUILÍBRIO ENTRE O PARTICULAR E O COLETIVO

Rede é um conceito que comporta distintos significados. É utilizado por diferentes campos de conhecimento, dentre os quais a ciência política, que identifica o termo com as conexões interorganizacionais, de sociedades complexas contemporâneas, que pressupõem distintas formas e espaços de intercâmbios sociais, assegurando relações pluralistas e democráticas na

esfera pública. A ideia de rede distingue-se, por conseguinte, daquela de um ator monolítico do campo político, econômico ou social, sinalizando para estruturas organizacionais multifacetadas e reticulares, que se mobilizam em torno de interesses e objetivos comuns (MIGUELLETO, 2001). Dentre as definições do conceito de rede, sublinha-se a adequação, como o faz também Café (2012), daquela delineada por Miguelletto:

A rede é um arranjo organizacional formado por um grupo de atores que se articulam – ou são articulados por uma autoridade - com a finalidade de realizar objetivos complexos, e inalcançáveis de forma isolada. A rede é caracterizada pela condição de autonomia das organizações e pelas relações de interdependência que estabelecem entre si. É um espaço no qual se produz uma visão compartilhada da realidade, se articulam diferentes tipos de recursos e se conduzem ações de forma cooperada. O poder é fragmentado e o conflito é inexorável, por isso se necessita de uma coordenação orientada ao fortalecimento dos vínculos de confiança e ao impedimento da dominação (MIGUELLETO, 2001, p.48)

A adoção desse padrão de relacionamento no campo dos museus e do patrimônio se move, em geral, pela necessidade de compartilhamento de experiências e recursos. Constitui uma estratégia que não apenas atende ao imperativo da racionalização da gestão, como também confere valores e ressonância ao resultado das ações em rede, em grau superior se comparado à simples somatória de ações isoladas.

À semelhança de demais redes, essas instâncias constituídas no âmbito universitário buscam historicamente fomentar ações a ser desenvolvidas por espaços autônomos, com distintos perfis institucionais, científicos e culturais, que se articulam voluntariamente, buscando alcançar maior envigadura, consistência e eficácia em seus projetos. Compõe a agenda dessas redes a ampliação e a promoção da qualificação de pessoal, a salvaguarda, pesquisa e extroversão de acervos e a promoção de eventos.

Ainda que a expectativa, sempre presente entre integrantes de redes, seja estabelecer relações de caráter horizontal e colaborativo, marcadas pela permanente reciprocidade, importa avaliar o quanto a formação desse tipo de articulação encontra receptividade em ambientes universitários. Qual seria o grau de aproximação entre um arranjo idealizado e as possibilidades reais de se estabelecer um trabalho efetivamente em conexão?

A análise de Pierre Bourdieu das relações de força existentes no ambiente universitário é sugestiva para se pensar a dimensão dos desafios enfrentados por aqueles que buscam articular redes colaborativas em um campo permeado por um *habitus* hostil, à primeira vista, a tais iniciativas. Para o sociólogo francês, o predomínio das disputas e hierarquizações nos sistemas de classificação dos campos constituídos pelo *Homo academicus* reflete, em última instância, a distribuição desigual de capitais de diferentes naturezas existentes nas universidades.¹ O capital cultural herdado pelas unidades universitárias é um fator inicial de desequilíbrio, derivado do prestígio acumulado por suas respectivas áreas do conhecimento e também do grau de consolidação político-institucional observado. Mas há também desequilíbrios e hierarquizações de toda ordem no interior de cada unidade universitária, constituindo uma complexa dinâmica de disputa por posições. Dada a leitura proposta por Bourdieu, a articulação em rede feita por atores desprovidos de um capital herdado significativo – e este seria o caso de museus e coleções no âmbito universitário – poderia ser entendida apenas como uma estratégia levada a cabo por aqueles que possuem acesso limitado às posições já distribuídas no “tabuleiro” do jogo, interessados tão somente em usufruir as vantagens oferecidas pelo capital de poder universitário. Neste caso, tais iniciativas seriam uma estratégia para se transformar a representação social existente em torno da ideia de colaboração em capital cultural. Ou seja, não seriam motivadas pela real disposição para compartilhar experiências e recursos, mas pelo desejo de se ampliar as chances de acesso a posições de prestígio ou notoriedade fora do alcance de iniciativas isoladas daqueles agentes desprovidos de poder universitário.

¹ A análise sociológica de Pierre Bourdieu define “campo” como um espaço estruturado por posições disputadas por agentes que, simultaneamente, produzem e consomem representações sociais. O *habitus*, por sua vez, seria constituído pelo conjunto limitado e relativamente estável de imagens mentais e representações objetais à disposição daqueles que exercem e que buscam exercer o poder simbólico, desenvolvendo estratégias eficazes no atendimento a seus interesses. As representações sociais se configuram como capital cultural apenas quando levam à obtenção de vantagens simbólicas ou materiais nas disputas que configuram um determinado campo.

Cf. BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-68; MALERBA, Jurandir. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. p.199-225.

Seria razoável questionar se as dificuldades encontradas na articulação de redes resultam apenas dos conflitos e disputas, tanto internas quanto externas, por posições privilegiadas, que caracterizam, segundo Bourdieu, as relações de força existentes no campo universitário. Thomas Kuhn defende, por exemplo, que existiria uma tendência natural à formação de nichos entre cientistas, graças ao processo de especiação que ocorre à medida em que seus saberes e léxicos se tornam cada vez mais circunscritos e complexos. Pode-se inferir, a partir de suas observações, que as próprias idiossincrasias do fazer científico tornariam o ambiente universitário adverso, em boa medida, ao estabelecimento de parcerias entre pessoas provenientes de áreas do conhecimento demasiadamente diversificadas (KUHN, 2006).

Embora pareça paradoxal, é justamente o enfrentamento das adversidades que ameaçam a sua existência que confere às redes seu sentido e legitimidade no ambiente universitário. Ou seja, como instância de poder segmentado e de conflito inevitável (MIGUELLETO, 2001) as redes se fortalecem nos processos de negociação em face às disputas por posições e prestígio e de criação de afinidades que buscam superar a compartimentação de saberes e fazeres científicos. Efetivamente, seu desafio está delineado pela necessidade de preservar identidades individuais e autonomias e, ao mesmo tempo, constituir-se em lugar reconhecido, por seus membros, de construção de uma identificação coletiva, alicerçada em uma visão compartilhada da realidade e dos objetivos do grupo.

Em sua atuação ininterrupta por 20 anos, a Rede de Museus talvez possa oferecer algumas chaves de leitura singulares para se compreender as conexões nodais, construídas no ambiente universitário, entre museus e espaços de ciências e cultura. A partir do relato de algumas experiências da Rede de Museus nos últimos anos, pretende-se contribuir para o debate a respeito de como articulações dessa natureza podem se consolidar no horizonte de uma prática geradora de identificações e interesses comuns.

3 TRAJETÓRIA

É possível identificar três momentos distintos no percurso da Rede de Museus no tempo. O primeiro momento, marcado pelo esforço de organização e institucionalização, se dá entre a iniciativa de alguns espaços da

universidade de formação da Rede de Museus, ocorrida em 1999, e as tentativas de seu reconhecimento como Órgão Suplementar ligado à Reitoria, em 2006. Inicialmente, Museu de Ciências Morfológicas, Museu de História Natural e Jardim Botânico, Centro de Referência em Cartografia Histórica e Centro de Memória da Medicina uniram-se com o objetivo de ampliar a visibilidade de suas ações e as possibilidades de aprovação de projetos por agências de fomento. Criaram um programa de extensão, realizaram um primeiro evento e foram bem sucedidos no acesso a novas fontes de financiamento, o que possibilitou a qualificação de espaços físicos, a aquisição de equipamentos, a realização de cursos de capacitação e a participação de representantes em eventos nacionais. Novos integrantes aderiram à Rede, que passou a contar com sua primeira sede itinerante, no Museu de Ciências Morfológicas (MARQUES; SEGANTINI, 2015).

As tentativas para se obter o reconhecimento como Órgão Suplementar não foram bem sucedidas. Em uma nova etapa, a Rede de Museus acabou por se constituir como uma coordenadoria vinculada à Pró-Reitoria de Extensão, passando a contar com uma cota de bolsas e um repasse regular de recursos a serem distribuídos entre espaços desprovidos de suplementação orçamentária própria. Acrescentaram-se a tais conquistas a obtenção de uma função gratificada para sua coordenação, de uma sede própria e, mais adiante, de um cargo técnico-administrativo. No período, seus membros realizaram diversos eventos (seminários, fóruns, cursos), além de implementarem uma importante iniciativa de ampliação de público parcialmente financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (projeto “Circuito das Vocações”, envolvendo escolas públicas de nível médio, Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer, Centro de Memória da Farmácia, Centro de Memória da Escola de Odontologia e Museu de Ciências Morfológicas).

A terceira fase se inicia em 2015 e permanece em andamento. Nela, a Rede de Museus vem realizando esforços para se consolidar e se reconfigurar institucionalmente, sempre norteadas por seus objetivos regimentais, quais sejam:

- 1) refletir, debater e propor políticas de acervo, bem como diretrizes para as ações dos museus e espaços de ciências e cultura da Universidade, em consonância com as propostas da UFMG e com as respectivas políticas nacionais de cada área; 2) promover a capacitação e atualização

científica, tecnológica e cultural de professores, estudantes e profissionais que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede de Museus; 3) divulgar a missão, as ações e potencialidades da Rede de Museus entre instituições congêneres, universidades e instituições de ensino e pesquisa locais, regionais, nacionais e estrangeiras, visando promover o intercâmbio e estabelecer parcerias; 4) apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre os espaços integrantes da Rede de Museus e entre estes e as comunidades interna e externa à UFMG; 5) manter informações atualizadas sobre acervos, visitantes, eventos e atividades dos membros da Rede de Museus; 6) propor e encaminhar projetos de interesse da Rede de Museus (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021)

Como primeira tentativa de reformulação estrutural, criou-se um Núcleo Integrador. Em ação conjunta com Coordenação, Secretaria Administrativa e Conselho Coordenador (composto pelos coordenadores dos espaços integrantes), o novo órgão de assessoria técnico-científica teria como atribuição promover pesquisa e boas práticas nas seguintes áreas de atuação:

- a) ação educativa;
- b) comunicação e público;
- c) extroversão de acervos;
- d) gestão da informação;
- e) tratamento de acervos (arquivísticos, museológicos e bibliográficos).

Sua composição contaria tanto com servidores ativos do corpo técnico-científico lotado na Rede de Museus como com servidores ativos da UFMG com expertise reconhecida, nomeados pelo Conselho Coordenador da Rede de Museus. Responsáveis por articular grupos de trabalho em função das demandas de atuação em rede, os membros do Núcleo Integrador teriam autonomia para convidar colaboradores e conduzir a dinâmica necessária para a apresentação de projetos e planos de trabalho a serem aprovados pelo Conselho Coordenador.

A partir do fórum de criação do Núcleo Integrador, realizado em 2016, um total de 15 representantes foram nomeados (entre servidores docentes e técnicos), especialistas nas áreas de conservação e restauro, documentação museológica, expografia, educação museal, arquivologia, biblioteconomia

e sistemas de informação. Ocorreram vários desdobramentos importantes, com destaque para a realização do *I Seminário de Educação Museal*, da *I Jornada de Museus Universitários* e de cursos de capacitação em parceria com o Setor de Acervos Artísticos e com a Escola de Belas Artes da UFMG. Em especial, a realização do *II Fórum do Núcleo Integrador*, em 2017, resultou na pactuação de uma agenda para os próximos anos da Rede de Museus (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2020).

Apesar das iniciativas e dos avanços mencionados, a falta de estrutura física, orçamentária e de pessoal na coordenação da Rede de Museus comprometeu a continuidade das atividades do Núcleo Integrador no modelo inicialmente proposto. Além da impossibilidade de se compor uma equipe mais estável formada por técnicos, com o propósito de atender às demandas compartilhadas pelos espaços integrantes da Rede de Museus, outros fatores adversos contribuíram para o quadro, tais como a sobrecarga de atribuições experimentada por servidores docentes no atual contexto universitário e o peso relativamente baixo das atividades de extensão na composição dos seus planos de dedicação e em suas avaliações de desempenho. A grande dependência de um quadro de pessoal formado por bolsistas para a execução de projetos apenas agravou a situação, colocando em xeque a viabilidade daquele arranjo marcado pela precarização e grande rotatividade entre seus colaboradores.

Diante dessas limitações, sobretudo para a continuidade da atuação do Núcleo Integrador, o Conselho Coordenador vem se empenhando para encontrar um desenho institucional mais satisfatório para a Rede de Museus. Alterações regimentais, definidas após um longo processo de discussão, dissolveram o Núcleo Integrador em sua proposta original e propuseram a formação de duas novas instâncias no organograma da Rede: um Núcleo Técnico-Científico e um Conselho Consultivo. O primeiro deverá ser composto por servidores do quadro efetivo da UFMG, lotados em cargos relacionados às áreas afins à missão da Rede de Museus, que terão a atribuição de planejar, desenvolver e avaliar projetos nas áreas de gestão, salvaguarda e comunicação.

O Conselho Consultivo, por sua vez, será responsável por orientar e auxiliar o Conselho Coordenador no cumprimento de sua missão institucional. Composto por representantes de diversas instâncias da universidade

(Pró-Reitoria de Graduação, Pró-Reitoria Pesquisa e Pró-Reitoria Extensão, cursos de Conservação e Restauro, Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia, diretorias de ação cultural e de arquivos institucionais, biblioteca universitária), e das Secretarias Municipal e Estadual de Cultura, deverá reunir-se ordinariamente, uma vez por ano, para realizar as seguintes ações:

apoiar a formulação de políticas e diretrizes para a Rede de Museus; examinar, apreciar e opinar sobre plano anual de atividades, assim como projetos e ações; examinar e apreciar relatório de atividade anual; propor projetos e ações, em consonância com diretrizes e políticas estabelecidas pela Rede de Museus; promover intercâmbios e parcerias da Rede de Museus com instituições congêneres (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2021).

Como é possível notar, permanece o esforço para se conquistar um quadro estável de especialistas a ser compartilhado pelos espaços integrantes. Além disso, ao buscar incorporar ao Conselho Consultivo diversas representações, o intuito é ampliar interlocuções da Rede de Museus e dotá-la de maior organicidade em termos político-institucionais.

4 PROJETOS EM REDE: NEGOCIAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO COLETIVO

O relato de algumas ações da Rede de Museus tem o intuito de sinalizar o quanto elas são cruciais para a construção de conectividades, as quais são reconfiguradas a cada circunstância. Se o delineamento de problemas e objetivos comuns – ponto de partida dos projetos – implica em uma negociação inicial, é fato que o processo de trabalho compartilhado, envolvendo o engajamento dos atores heterogêneos, constitui-se na principal fonte de repactuação e de construção de identificação e interesses comuns. Importante assinalar que as várias iniciativas levadas a efeito pela coordenação contaram com a disponibilidade de apenas um técnico-administrativo, que se responsabilizou pela coordenação e execução de alguns projetos, a exemplo de ações de comunicação e de salvaguarda de acervos descritos a seguir. O fato demonstra a potencialidade de atuação da coordenação da Rede de Museus, caso pudesse dispor de uma equipe regular de profissionais.

Em 2015, duas importantes ferramentas de comunicação da Rede de Museus foram reformuladas: o *website* e a o perfil institucional no Facebook. O *website* pode ser acessado pelo endereço eletrônico <http://www.ufmg.br/rededemuseus> e vem sendo atualizado com regularidade. Já a página do Facebook, disponível no endereço <https://www.facebook.com/rededemuseusdaufmg/>, conta atualmente com mais de 2 mil seguidores. Também a partir de um modelo compartilhado, a Rede de Museus tem criado ou reformulado *websites* institucionais para seus membros. Integrados às páginas oficiais dos espaços no Facebook, tais *websites* possibilitam, a um só tempo, maior agilidade na atualização de notícias e melhor alcance de público nas redes sociais.² Mais recentemente, desenvolveu-se um modelo em Wordpress específico para a realização de exposições virtuais.³

Como projeto de comunicação científica, a Rede de Museus realiza anualmente, desde 2015, a *Mostra Virtual Pesquisa e Extensão na Rede de Museus*. O evento possibilita acesso via *web* aos trabalhos apresentados presencialmente de forma dispersa em várias unidades acadêmicas, durante a Semana do Conhecimento, promovida pela UFMG. O evento virtual conta, até sua sétima edição, com 1387 inscrições (orientadores, bolsistas e bolsistas voluntários de Iniciação Científica e de Extensão), expondo um total de 408 trabalhos desenvolvidos pela Rede de Museus e por seus espaços integrantes. Somadas as edições, já foram realizadas 8.584 visitas aos *hotsites* do evento, que oferecem também a oportunidade de diálogo virtual com os autores por meio de uma ferramenta de comentários disponibilizada. A *Mostra Virtual* constitui um notável portfólio dos trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos com o auxílio de bolsistas na Rede de Museus.

Três projetos de salvaguarda coordenados pela Rede de Museus encontram-se em andamento, abrangendo ações de documentação e conservação de acervos. Em relação aos acervos arquivísticos, tipologia presente em mais de 60% dos espaços da Rede (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS

²Museu de Ciências Morfológicas, disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/mcm>. Centro de Memória da Odontologia, disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/cmo>. Acervo Curt Lange, disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/acl>. Centro de Memória da Escola de Enfermagem, disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/cemenf>. Acesso em: 4 maio 2020.
³ Ver: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/cemenf/expo-rosemi>. Acesso em: 4 maio 2020.

GERAIS, 2017)⁴, foi desenvolvido em conjunto com o Centro de Referência da Música de Minas – Museu Clube da Esquina um projeto-piloto para testar uma plataforma digital em *software* livre (Atom - Access To Memory), resultando em uma base de dados para acervos arquivísticos contendo 9536 itens ou “objetos digitais”, entre imagens, vídeos, arquivos em áudio, arquivos de texto e outros tipos de arquivo (SILVEIRA, 2018).⁵ O passo seguinte consistiu em realizar a transposição em planilha e a população dos dados referentes ao acervo arquivístico do Centro de Memória da Enfermagem para a Plataforma AtoM. Foram incluídos, até o momento, 3.180 itens documentais digitalizados. Ao final do processo, previsto para o segundo semestre de 2020, haverá na plataforma cerca de 3700 itens documentais classificados e digitalizados, disponíveis aos pesquisadores para consulta via *web*, o que representa quase a totalidade do acervo arquivístico atual daquele espaço.

O projeto *Reconhecimento do patrimônio científico na UFMG: mapeamento, registro e salvaguarda*, iniciado em 2018, tem o objetivo de mapear coleções e coleções universitárias ainda não pertencentes ao conjunto sob a custódia dos integrantes da Rede de Museus. É muito comum ocorrerem perdas de patrimônio científico, composto por objetos que se tornam obsoletos quanto ao valor de uso, mas que ainda não foram reconhecidos como detentores de valor histórico-cultural. Além de submetidos a processos de deterioração, às vezes irreversíveis, não raro esses objetos entram em listas de desfazimento, sendo descartados. A intenção é formar um banco de dados que oriente futuros processos de musealização. O projeto foi concluído na Escola de Engenharia da UFMG, onde 132 espaços foram mapeados, havendo a identificação de patrimônio universitário na área de ciência e tecnologia em pelo menos cinquenta deles. A segunda etapa encontra-se em andamento no Instituto de Geociências.

Em 2017 foi iniciado o projeto *Protocolos para documentação e gestão de acervos museológicos: implantação de um sistema integrado de informação na Rede de Museus*, que visa implementar procedimentos padronizados de gestão, documentação e extroversão dos acervos sob custódia dos espaços

4 Avaliação Museológica: Coleções e Museus da UFMG. Relatório de Pesquisa. Rede de Museus: UFMG, 2017.

5 A base de dados está disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/crmm-mce>. Acesso em: 4 maio 2020.

integrantes da Rede de Museus, a partir da adoção de um sistema computadorizado e de uma plataforma integrada de acesso *on-line*. Seis espaços aderiram formalmente ao projeto em sua fase inicial. Outras unidades, por sua vez, manifestaram o propósito de se agregarem ao projeto após a conclusão da etapa de implementação de um sistema de gestão de acervos museológicos. O projeto vem realizando, em parceria com os espaços, a mitigação de fatores de deterioração encontrados em reservas técnicas, inventários preliminares (incluindo fotografias de identificação, definição de vocabulários controlados e implementação de sistemas de localização), além da formalização de políticas de aquisição e descarte e de planos de documentação, ajudando a redefinir as políticas de acervo presentes nos respectivos planos museológicos.

Como desdobramento desses projetos, visando fortalecer as políticas de salvaguarda e extroversão do patrimônio cultural, científico e tecnológico da UFMG, a Rede de Museus incorporou a realização de dois estudos técnicos de viabilidade ao *Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade*, vigente até o ano de 2023: a *Reserva Técnica compartilhada e visitável* e o *Circuito Museal da UFMG*. Com objetivo de destinar espaço à guarda de acervos a ser compartilhado pelos espaços da Rede de Museus, o projeto da *Reserva Técnica compartilhada e visitável* pretende otimizar os investimentos em infraestrutura adequada à conservação e à segurança dos acervos; oportunizar a formação de uma única equipe de especialistas para atender os diversos acervos e espaços; padronizar os protocolos de gestão dos acervos – inventários, sistema informatizado, política de aquisição e empréstimo etc. A Reserva Técnica também deverá potencializar os usos das coleções que, reunidas em um mesmo espaço, poderão ser acessadas mais facilmente para fins de pesquisa, ensino, curadorias de exposições e ação educativa. A ser concebida de acordo com modelo visitável, deverá ampliar significativamente o acesso de pesquisadores e do público em geral ao patrimônio universitário. O outro projeto, o *Circuito Museal da UFMG*, busca requalificar alguns espaços da Rede de Museus, com ênfase nas áreas de comunicação museológica e divulgação científica. O projeto prevê intervenções expográficas, formação de equipes de bolsistas mediadores, parcerias com secretarias de Educação (municipais e estadual) e produção de material informativo e educativo.

Ainda na perspectiva da extroversão do patrimônio, a Rede de Museus realizou em 2018 a exposição *Colecionar o Mundo: Objetos + Ciência + Cultura*, no Espaço do Conhecimento da UFMG, no período de 18 de julho a 2 de dezembro de 2018, com entrada franca. Com curadoria dos professores do curso de Museologia Letícia Julião e Paulo Roberto Sabino, a exposição reuniu acervos dos 21 espaços que integravam à época a Rede de Museus, exibindo coleções de diversos campos de conhecimento, constituídas em atividades de pesquisa e ensino em 90 anos de existência da UFMG (COLECIONAR...,2018) . *Colecionar o Mundo* recebeu 30.063 visitantes, dos quais 3.472 assinaram o livro de visitação. O Núcleo de Ações Educativas e Acessibilidade realizou 10 atividades na exposição, entre oficinas, percursos e contações de histórias. As ações tiveram público total de 85 participantes. A exposição teve 45 menções na imprensa, incluindo jornais impressos, TV, rádio e *web*.

Nesse mesmo ano, de 2018, a realização do *V Fórum Permanente de Museus Universitários* demonstrou o potencial de uma coordenação de ações em rede como catalisadora não apenas de articulações entre os seus espaços integrantes, como também entre museus universitários de todo o país. Com o objetivo de promover e consolidar o debate sobre os museus universitários e instituições afins no Brasil e delinear diretrizes para uma política de preservação do patrimônio universitário, o *V Fórum* reuniu, entre os dias 8 e 11 de outubro de 2018, 196 participantes, incluindo representantes de universidades de todas as regiões do país, presidentes de redes de museus universitários dos EUA e da União Europeia e presidentes dos comitês internacionais de Museus Universitários e de Formação de Pessoal. O Fórum contou com palestras, painéis, mesa redonda, e GTs, que se articularam em torno de três eixos temáticos:

- a) diagnóstico dos museus universitários no Brasil;
- b) gestão e formação de profissionais em museus universitários;
- c) conformação e dinâmica de redes de museus universitários.

No último dia do fórum, em plenária, foram discutidas as proposições dos GTs. Além de importantes decisões de uma Plenária Final registrada em ata, foi produzido coletivamente o documento *Diretrizes para uma Política*

de Museus e Coleções Universitárias. Ambos estão disponíveis no *website* oficial do fórum, que registra também imagens e outras informações sobre o evento (V FÓRUM..., 2018).

Finalmente, convém mencionar o desenvolvimento da pesquisa *Avaliação museológica: coleções e museus da UFMG*. O projeto dá continuidade à pesquisa diagnóstica realizada entre 2015 e 2017, atualizando e verticalizando informações a respeito dos espaços que compõem a Rede de Museus. Referenciada na estrutura de informações do Cadastro Nacional de Museus, com adaptações para atender a demandas próprias da Rede de Museus, a pesquisa coleta e analisa dados sobre a identificação e caracterização do espaço; acessibilidade; gestão; caracterização física; caracterização e gestão de acervo; exposições; atividades educativas, culturais e científicas; público; gestão de risco; quadro de pessoal e orçamento. Alguns campos de informação, concernentes aos acervos, à conservação preventiva e ao gerenciamento de riscos pretendem oferecer informações preliminares para o estudo de viabilidade da implantação da Reserva Técnica compartilhada. O objetivo é produzir informações que subsidiem o debate sobre as condições de salvaguarda e extroversão dos acervos, orientem a formulação de políticas e instruem a tomada de decisões no âmbito da Rede de Museus.

Em conformidade com o que foi pactuado durante o *II Fórum do Núcleo Integrador*, ocorrido em 2017, a Rede de Museus tem priorizado o desenvolvimento de projetos compartilhados, a exemplo daqueles de gestão e salvaguarda do patrimônio universitário ou de exposição articulando acervos de todos os seus espaços. Para tanto se criou, em 2019, um novo formato para a distribuição de recursos provenientes da Pró-Reitoria de Extensão, por meio de chamada interna, na qual figura entre os critérios de seleção dos projetos pontuação relevante para propostas desenvolvidas em rede. Nessa mesma direção, pretende-se estimular a elaboração e submissão de projetos articulados em outras oportunidades de fomento identificadas dentro e fora da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Redes são estruturas abertas, permeáveis, de natureza inconstante. Estão marcadas pela flexibilidade, que, como lembra Mizukami (2014), busca

organizar o não organizado, e pressupõe tensões permanentes em um movimento oscilante entre organização e dispersão, entre conectividade e desarticulação, exigindo mudanças e reconfigurações rápidas. Nesse terreno instável, a Rede de Museus cumpriu historicamente e ainda cumpre o papel de pautar a preservação do patrimônio científico e cultural como missão da UFMG. E isso não é pouca coisa, considerando serem comuns casos em que o patrimônio não é visto como tarefa de universidades, ou quando o é, não se tem clareza de sua função no âmbito acadêmico, ao que se soma a falta de recursos e de pessoal especializado para a sua gestão (TALAS, 2015)

Ainda que venha desempenhando um papel estratégico inquestionável, ao completar vinte anos de atividades, a Rede de Museus encontra-se em um momento crucial de sua trajetória. À medida que se delineiam as complexidades de gestão do patrimônio universitário, evidenciam-se alguns impasses na solução de problemas, uma vez que se tem apenas a organização em rede como amparo institucional. No quadro presente, as iniciativas articuladas se encontram ainda muito centradas em propostas que partem da coordenação e, o mais preocupante, dependentes, em quase sua totalidade, de uma estrutura que está muito aquém da necessária, para se levar a bom termo os projetos.

Seu amadurecimento institucional depende, com efeito, do sucesso na implementação das alterações estruturais ora propostas, notadamente da criação de um corpo técnico estável, de uma relação mais orgânica com as atividades dos cursos afins e de uma estrutura física de salvaguarda dedicada a atender às demandas compartilhadas. A superação dessas fragilidades estruturais parece ser uma condição para se alcançar uma nova configuração de conectividade entre os espaços, implicando em uma repactuação da missão e visão em rede.

Obviamente tais soluções deverão projetar desafios e tensões em outro patamar, próprios de qualquer rede. Afinal, como organizar a multiplicidade sem conformá-la em totalidade unificadora? Como articular em rede atores singulares, com poderes assimétricos? De que forma pode funcionar uma coordenadoria, entendida como núcleo articulador, formulador e executor de políticas, mantendo conexões horizontais? Seguindo as formulações de Bourdieu, qualquer iniciativa nesses moldes seria uma contradição? Embates

e disputas por posições chegariam a inviabilizar resultados significativos em termos institucionais, inibindo a formação de canais de interação descentrados e autônomos, como melhor distinguiriam o que há de específico nas redes?

Essas e outras questões permanecem em aberto e devem ocupar o debate da Rede de Museus nos próximos anos. O que está efetivamente em jogo é pensar qual o desenho institucional mais aconselhável para se dotar a gestão do patrimônio científico e cultural de peso e estrutura no organograma da universidade. Nesse debate será preciso avaliar a pertinência de se transformar a Rede de Museus em uma Diretoria de Museus e Coleções, ou então preservá-la como uma articulação que atuaria em complementaridade a uma diretoria. De qualquer forma é preciso, sobretudo, apostar na direção de se compartilhar a implementação de políticas consistentes de gestão do patrimônio universitário na UFMG.

REFERÊNCIAS

- V FÓRUM permanente de museus universitários. 2018. Disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018>. Acesso em: 4 maio 2020.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. *In: Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-68.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.
- CAFÉ, Daniel Calado. *Redes em teias museológicas: sociomuseologia, redes museológicas locais, e o Museu do Território de Alcanena*. Tese (Doutorado em Museologia) - Curso de Doutorado em Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2012.
- COLECIONAR o mundo: objetos+ciência+cultura. 2018. *In: Espaço do Conhecimento UFMG*. Descubra: exposições. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/colecionar-o-mundo-objetos-ciencia-cultura/>. Acesso em: 4 maio 2020.
- JULIÃO, Leticia. Museus e coleções universitárias. *In: NASCIMENTO, Adalson; MORENO, Andrea (Orgs.). Universidade, memória e patrimônio*. Belo Horizonte: Mazza, 2015. p.13-24.
- KUHN, Thomas. *O caminho desde A estrutura: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica*. São Paulo: Unesp, 2006.
- MALERBA, Jurandir. Para uma teoria simbólica: conexões entre Elias e Bourdieu. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000. p.199-225.
- MARQUES, Rita de Cássia; SEGANTINI, Verona Campos. Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais. *In: Nascimento, Adalson; Moreno, Andrea (Orgs.). Universidade, memória e patrimônio*. Belo Horizonte: Mazza, 2015. p.31-44.

MIGUELLETO, Danielle Costa Reis. *Organizações em rede*. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3566/DanielleMiguellete.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2020.

MIZUKAMI, Luiz Fernando. *Redes e Sistemas de Museus: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-graduação Internidades em Museologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SEGANTINI, Verona Campos; JULIÃO, Leticia. A UFMG e o patrimônio da ciência e cultura: da obsolescência à musealização. In: GRANATO, Marcus; RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAUJO, Bruno Melo de (Orgs.). *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: instituições, trajetórias e valores*. Rio de Janeiro: MAST, 2017. p.111-129.

SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. O uso do software-livre “Atom” na gestão e na difusão de acervos: um projeto-piloto do Centro de Referência da Música de Minas - Museu Clube da Esquina para a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.8, n.1, mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17038/13808>. Acesso em: 4 maio 2020.

TALAS, Sofia. UNIVERSEUM: European University Heritage Network. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.68-79, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERIAS. Pró-Reitoria de Extensão. *REDE de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG*. 2020. Disponível em: <http://www.ufmg.br/rededemuseus/>. Acesso em: 29 abr. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERIAS. Pró-Reitoria de Extensão. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG. *Avaliação museológica: coleções e museus da UFMG*. UFMG, 2017. (Relatório de pesquisa)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERIAS. Pró-Reitoria de Extensão. *Regimento da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG*. Câmara de Extensão da UFMG, 2021. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/marco-regulatorio>. Acesso em: 20 dez. 2021.

